



N. 3-59

Coordenador — Major AMERINO RAPOSO FILHO,
Instrutor da ECEME

SUMÁRIO

I — BASES FILOSÓFICAS

"Aspectos Fundamentais da Surpresa" — AMERINO RAPOSO
FILHO, Maj.

II — CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA MILITAR

"Ensaio sôbre Psicologia do Combatente Brasileiro" — LUIZ
FLAMÁRION BARRETO LIMA, Gen.



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOCTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduzem o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

I — BASES FILOSÓFICAS

ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA SURPRÊSA

Maj ART AMERINO RAPOSO FILHO
Instrutor da ECEME

"Tudo que é inesperado é de grande efeito na Surpresa".

FREDERICO II

"Las cosas nuevas y repentinas aterrorizan a los ejércitos".

MAQUIAVEL

"Por lograr la efectiva destrucción del inimigo es necesario colocarlo en condiciones de inferioridad moral, lo que solo puede conseguirse mediante la Sorpresa".

H. BASTICO

SUMÁRIO

- 1 — Considerações Iniciais
- 2 — Conceituação da Surpresa
- 3 — Formas e Amplitude

1 — CONSIDERAÇÕES INICIAIS

a. A importância do conceito filosófico-militar da Surpresa na concepção, no planejamento e, sobretudo, na conduta das operações, parece de uma evidência axiomática. Porque, situar a Surpresa no quadro das operações militares, é compreender a própria guerra no seu íntimo, na sua complexidade, na sua plenitude.

Desde os tempos mais remotos da história da guerra — quando as forças chamavam-se hordas e não exércitos, na aceção de conjunto de tropas e meios em condições de realizar uma determinada campanha — portanto, há mais de 2.000 anos AC —, que já se tinha conhecimento da astúcia, do ardil, da emboscada, como fatores decisivos na consecução da vitória. Que representavam as necessidades de informações, com alta prioridade, do inimigo, do território e da população adversária, para os exércitos organizados para a defesa do Vale do Nilo, senão evitar a Surpresa, mantendo em segurança as forças dos faraós?

Caminhemos um pouco mais na profissionalização da sociedade antiga na arte da guerra e fixemos nossa atenção na chamada antiguidade clássica romana e grega. Encontramos, então, inúmeros exemplos de manobras perfeitas conduzidas por valores geniais como Alexandre, César,

NOTA — O presente estudo é o resumo de uma sessão ministrada ao 3º ANO da ECEME.

Anibal, e, em tôdas elas, a Surpresa apresentando-se como relêvo sôbre os demais princípios, condicionando, mesmo, a manobra e respondendo pelo sucesso ou fracasso das forças contendoras.

Não precisamos acompanhar a evolução das guerras para inferir da importância que se deve atribuir ao estudo da Surpresa, no que principalmente se relaciona com sua conceituação e amplitude.

Procurar, pois, compreender a significação da Surpresa, é ligar sua interpretação ao conhecimento profundo da manobra, do objetivo, da massa; é estudar a guerra, como ciência, mas sobretudo como arte, com suas leis e seus princípios, seus métodos e processos de combate, assim como a evolução da organização estrutural de seus meios. Em uma palavra: é compreender a própria teoria da guerra.

b. Portanto, a caracterização da Surpresa como, também, a delimitação de sua amplitude impõe, como decorrência natural, a análise de determinadas manobras, procurando-se compreender, inclusive, a doutrina de emprego dos meios da época, as estruturas organizacionais e o estágio técnico-industrial dos adversários.

Mesmo porque como assinalou o General Lemoine, em 1934: "Em última análise, a manobra é uma combinação da astúcia com a força. As duas expressões estratégia e estratagema têm a mesma etimologia. Convém jamais separar estas duas noções. A força não terá pleno rendimento, se não for inteligentemente manejada. A manobra sem força é pura ilusão".

Por outro lado, se a Surpresa tem sido o princípio de guerra mais antigo; se ela é tão remota quanto a própria guerra — pois que não é invenção do cérebro humano, antes, é essencialmente, uma lei da natureza — deve sua conceituação envolver algo mais que apenas o esmiuçamento da manobra; deve compreender os meios e as estruturas empregados durante a luta e interpretar, igualmente, os métodos e os processos de atuação das forças em presença não só na fase inicial da operação como, sobretudo, na exploração do sucesso, no acabamento da Batalha.

A pesquisa não se deve circunscrever, propriamente, ao âmbito operacional-militar, desde o preparo da operação das Forças Armadas em si, a execução da manobra montada. Em verdade, deve ampliar-se até à política de governo, traduzida em acôrdos e conferências, na tentativa de obtenção do que chamariamos surpresa política ou diplomática.

Dentro dessa ordem de idéias, procuraremos conceituar a surpresa, caracterizando, inclusive, sua amplitude.

2 — CONCEITUAÇÃO DA SURPRESA

Como conceituar a Surpresa, já que sentimos que ela se traduz mais pelos efeitos, quando provocada por um fato imprevisto ou por um incidente inesperado, ou, mesmo, pela associação destes e de outros fatores?

Vejamos algumas idéias.

Definiu-a o General Flamarion B. Lima, nos seguintes termos:

"Surpresa é uma sensação brusca e violenta, causada por um fato, incidente, erro, ou situação falsa, naturais ou artificiais, que se apresentam de forma original, inesperada, inopinada e produzam no agente ou no paciente, apanhados desprevenidos, desequilíbrio nas funções psíquicas ou morais, traduzido por agitação, movimentos, pânico, admiração, susto, assombro, medo excessivo, terror". E, mais adiante, ao configurar a surpresa no âmbito militar, assinala: "é uma forma de ação que, aproveitando tôdas as circunstâncias desfavoráveis ao inimigo, visa a colocá-lo em face de um perigo iminente, que não possa ou acredite não

poder enfrentar, conseqüente do segredo com que foi preparada, da rapidez, da originalidade, da potência e da iniciativa de execução, capaz de produzir no seu Comando ou na tropa, confusão, desmoralização e pânico”.

Se invocarmos o pensamento de chefes e pensadores do passado, vamos encontrar idéias curiosas. Para Xenofonte, “quanto menos esperarmos um acontecimento agradável ou desagradável, tanto mais prazer ou horror experimentamos. Não há melhor exemplo disso, quando, na guerra, vemos a surpresa tomando de terror os mais valerosos”.

Frederico, o Grande, afirmava: “tudo que é inesperado, é de grande efeito”. Clausewitz atribuía tamanha importância ao fator surpresa, que dizia: “... com ele, o sucesso é quadruplicado”. E o Marechal Foch completava, dizendo: “a surpresa, no sentido mais amplo, é o meio pelo qual se quebra a força moral do inimigo, destituindo-o da faculdade de raciocinar e convencendo-o de que a causa está perdida”.

Em última análise, “a surpresa visa a obter, se possível, um efeito decisivo ou a impossibilitar uma reação em tempo útil. É particularmente vantajosa em operação de grande envergadura”. E finalizamos com o pensamento do Marechal Foch: “seu objetivo será o de quebrar a vontade do adversário por meio de um golpe inesperado de supremo vigor”.

3 — FORMAS E AMPLITUDE

a. Antes, propriamente, de apresentarmos as diferentes formas da Surpresa, pretendemos fixar alguns pontos. Num primeiro exame, poderíamos sugerir duas formas gerais, como entendem alguns estudiosos do assunto. Teríamos, então, as formas tática e estratégica, apenas. O mais, seriam “meios”, visando ao fim de provocar pânico, pânico e desorganização no adversário, isto é, meios técnicos e operacionais.

Ora, tal classificação imporia que alinhássemos ainda como meios os aspectos operacionais, aí configurando-se os métodos e os processos, no campo tático e no estratégico. Isso poderia provocar confusão, quando analisássemos uma manobra tática.

Querem outros que as formas sejam: técnica, tática e operacional, o que, também, não parece atender a todos os aspectos referentes à Surpresa.

Ficamos, nesse particular, com a classificação apresentada pelos tratadistas que consideram a questão mais do ponto de vista didático, apenas para estudo. Assim sendo, a Surpresa poderá apresentar-se sob várias formas, cada uma com suas particularidades e independente da repercussão que possa acarretar. Melhor dizendo — sob o ponto de vista do planejamento e do irrompimento da ação militar no espaço e no tempo, envolvendo, inclusive, os objetivos que se visam a alcançar — a Surpresa poderá ser conceituada como: técnica, tática, estratégica e organizacional.

Quanto à amplitude que tais idéias encerram, no escalão considerado e no conjunto da operação, há que admitir-se três aspectos: o tático, o estratégico e o político. Realmente, os reflexos produzidos por determinada forma de Surpresa poderão restringir-se ao compartimento tático onde se buscou o efeito direto; propagar-se ao estratégico e envolver, até, a esfera dos entendimentos políticos entre os contendores.

Convém, ademais, acrescentar que, muita vez, se busca uma determinada amplitude em operação montada para produzir os melhores efeitos da Surpresa no adversário, no entanto, a execução operacional poderá conduzir a uma ampliação do que se intentou ou, mesmo, reduzi-la. É o caso, por exemplo, de uma operação que visava à surpresa tática e que, na execução, produziu efeitos estratégicos. Ao contrário, uma excelente concepção estratégica poderá restringir-se à mera surpresa tática.

Vejam, agora, cada uma das formas, em estudo, tanto quanto possível, compartimentado.

b. Surpresa Técnica:

Caracteriza-se, normalmente, pela causa que provoca os efeitos de pânico, pavor, desmoralização, enfim, danos de toda ordem no adversário, a despeito de outras ações. Independe, pois, para produzir seus efeitos, de estar associada a outros processos de atuação.

Obtém-se a surpresa técnica pelo emprego judicioso de armas, engenhos ou agentes químicos de destruição desconhecidos do adversário — ou cujo conhecimento não seja de molde a que ele apreenda seu verdadeiro valor — e lançados com todo o sigilo.

O lançamento de tais meios poderá dar-se no início, no curso ou, até, na fase final do conflito, com o propósito de abreviar seu término.

Da 1ª Grande Guerra temos vários exemplos de surpresa técnica, tanto do lado alemão, como do aliado. Os alemães empregaram engenhos de trincheiras, os chamados gases de combate e os canhões tipo Bertha com alcance de 120 km. Enquanto que os aliados experimentaram os carros, em grande quantidade, em Cambrai.

Na 2ª Grande Guerra, utilizaram-se numerosos meios, que o extraordinário desenvolvimento técnico-científico industrial possibilitou. Assim é que vimos, entre outros, o radar, a carga ôca, o carro Tigre, o "schnorkel", o avião a jato, as bombas voadoras, o napalm, os foguetes de grande alcance, a bomba atômica, etc.

"A arte da guerra está cada vez mais dominada pela influência dos meios técnicos, sobretudo porque estão numa rápida evolução.

Entretanto, o surgimento dum progresso técnico, mesmo de envergadura, não produzirá seu pleno rendimento, a não ser depois de um certo número de anos. Foram necessários 4 séculos para que a pólvora aparecesse no campo de batalha de Crecy, provocando profunda reação na tática". ("La Culture de L'Officier" — Cel Renauld — 1950).

Os efeitos da surpresa técnica são duráveis, como é óbvio, o que vai provocar uma consequência natural, que é aumentar a vantagem do contendor que dela se beneficiou, no sentido de ensinar a retomada da iniciativa. Daí a necessidade de os órgãos especializados na informação científica colocarem-se nas melhores condições possíveis, visando a acompanhar o desenvolvimento técnico-científico do adversário, com o propósito de evitar as "surpresas" técnicas ou, pelo menos, manter-se informado do desenvolvimento dos engenhos mais importantes, para que as contramedidas comecem a ser tomadas antes do seu lançamento.

Isso porque, como assinalada o Ten-Cel Giroult, "atualmente, dada a rapidez com que aparecem os novos engenhos, só resta ao Chefe, condutor de homens e materiais, o tempo exato para informar-se do fato, compreender as possibilidades desses engenhos, imaginar a melhor manobra correspondente ao seu melhor emprego, familiarizando a tropa com sua utilização".

Que não teria sido da Inglaterra, depois da queda da França em 1940, quando foi submetida a tremenda ofensiva aero-estratégica alemã, visando a preparar a invasão das ilhas britânicas, não fôsse o exemplar funcionamento de seu Serviço de Informações? Seria possível neutralizar, em tempo, o sistema alemão de rádio-faixas, para o bombardeio noturno de Londres, logo depois substituído pelos dispositivos "X" e "Y"? Mais ainda, e o bombardeio de Peenemunde, que resultou, entre outras coisas, na impossibilidade de os alemães lançarem os foguetes dirigidos contra Londres, ante mesmo das bombas-voadoras?

Por outro lado, ainda nos lembramos da surpresa produzida pelas divisões blindadas e pelos "Stukas", na batalha da França, atuando em íntima cooperação. Também está presente na memória de todos o que

representou, para a segunda batalha da França em 1944, o pôrto artificial de Arromanches e o "Pluto" (oleoduto através da Mancha), autênticas surpresas técnicas. E, já no final da 2ª Grande Guerra, como tiro de misericórdia na guerra do Pacífico, aí estão Hiroshima e Nagasaki.

O que se verifica, depois da 2ª Grande Guerra, relativamente ao aperfeiçoamento das armas e dos engenhos, principalmente quanto ao aparecimento de novos e terríveis meios ofensivos e defensivos de combate, pelos menos naquilo que se conhece, é para estarrecer. Aperfeiçoam-se projetis de artilharia atômica, engenhos-foguetes, torpedos, bombas atômicas, engenhos-foguetes balísticos intercontinentais, etc.

Daí poder-se-á inferir da importância cada vez maior, da Surpresa Técnica, como fator decisivo no combate, na Batalha e na Estratégia das nações em luta.

c. Surpresa Tática:

Eis o que alguns estudiosos chamam de "surpresa de tropa". É a surpresa, por excelência, realizada durante o combate, com o impacto emocional e tôdas as conseqüências imediatas proporcionadas pelo choque, pela massa de ruptura ou até, pelo reflexo de sua aplicação no compar-timento vizinho.

A Surpresa Tática está ligada intimamente aos métodos e processos de combate, às peculiaridades de emprêgo dos meios novos ou aperfeiçoados e, mesmo, aos próprios engenhos clássicos que, no entanto, apresentam nuances de originalidade na estruturação das unidades ou nas modalidades de atuação. De relêvo será, sem dúvida, a utilização que se fizer do terreno onde se travará a batalha ou o combate, sobretudo, se for possível sua utilização de modo diferente, especial, como as características geográficas da região de operações, às vêzes, ensejam.

Muitas vêzes se busca a Surpresa Tática, desde o planejamento e a montagem da operação, e nada se consegue, nem mesmo provocar o pânico. Por outro lado, em quantas oportunidades não se dá o contrário, isto é, uma determinada força é "surpreendida" com os resultados alcançados e de tal modo que, em certos casos, invade, até, o domínio estratégico!

São fatores preponderantes à obtenção da surpresa as condições de tempo e espaço, ou seja, a velocidade e o ponto de aplicação do esforço da manobra, já que, das diversas formas da surpresa, a tática — como, de resto, a estratégica — é a que se poderia chamar de "surpresa de execução". Há exemplos de que o êxito de uma operação fica na dependência de uma condicionante apenas da surpresa tática. É o caso da Invasão da Normândia, onde não haveria surpresa estratégica, pois tôda a Europa sabia que a invasão estava para dar-se. Nem surpresa organizacional, nem técnica, de início. Portanto, só havia que surpreender os alemães no ponto de aplicação, na região em que se desse o desembarque anfíbio.

A surpresa tática está menos sujeita à fase da guerra, que a surpresa estratégica. Assim é que ela poderá aparecer tanto no início, como no decurso de uma guerra, independente de novos meios e processos de ação.

Deixaremos de expender maiores considerações em torno da surpresa tática, uma vez que, ao analisarmos os fatores condicionantes e, principalmente, os processos empregados para obtenção da Surpresa, em verdade estaremos, ainda, dizendo muito a respeito da "surpresa da execução e da tropa".

d. Surpresa Estratégica:

A surpresa estratégica poderia ser definida como a surpresa do Alto Comando, por isso que pode, por si só, desarticular sua manobra, com-

prometendo-a nas partes fundamentais. Opera-se principalmente, antes da batalha, na fase do planejamento e da concentração dos meios para a manobra. Pode, no entanto, existir durante a fase propriamente operacional do aproveitamento do êxito inicial.

"Há surpresa estratégica toda vez que o inimigo não puder intervir com suas reservas, em tempo oportuno, sobre a frente decisiva".

Pode resultar, inclusive, duma surpresa tática obtida mediante hábil manobra no interior do dispositivo adversário.

Tendo em vista, propriamente, sua realização, podemos afirmar que a surpresa estratégica será obtida com maiores facilidades no início das hostilidades do que durante o conflito pois, quando a guerra começa, é mais fácil associar a surpresa estratégica às outras formas, como a organizacional, a tática, a técnica e, até a surpresa política ou diplomática. Apresenta, pois, repercussão mais profunda que perdura, às vezes, em toda a guerra. "Um erro cometido na concentração — dizia Moltke — não será recuperado no curso duma campanha".

Na 1ª Grande Guerra, vimos as primeiras batalhas serem grandemente influenciadas pela surpresa técnica (caso do adequado emprego dos transportes de mobilização e concentração), pela surpresa organizacional (estrutura das GU e suas possibilidades de intervenção em curto prazo) e, também, pela surpresa tática (aplicação dos métodos e processos de combate, com preponderância do fogo sobre o movimento). A ofensiva alemã de 1914, com o emprego das Reservas Estratégicas na Batalha das Fronteiras, quase que possibilita a completa execução do Plano Schlieffen.

No início da 2ª Grande Guerra, a surpresa estratégica aparece na plenitude, como nunca se viu na história da guerra; brutal, violenta, sobretudo excepcionalmente rápida e decisiva na guerra na Frente Ocidental. Aí está a excelente integração de todas as formas da Surpresa nas ofensivas alemãs desencadeadas em 39 e 40. Em poucos dias sucumbiram a Polônia e a Noruega, esta na operação mais audaciosa da guerra. Pouco depois, nos famosos "60 dias que abalaram o Ocidente", rompe-se a Frente Ocidental com a espetacular conquista da Bélgica e da Holanda, culminando com o colapso da França. Até acordos de não agressão foram estabelecidos, como o russo-alemão de 39, autêntica surpresa diplomática ou política, com repercussão na Batalha de Flandres.

Já durante o conflito é mais difícil obter-se a surpresa estratégica, por isso que:

— qualquer situação estratégica vivida estará, certamente, mais ligada às situações anteriores e, portanto, a evolução dum quadro operacional para outro, será feita com progressividade;

— as possibilidades que se apresentam à Força Aérea — entrando no território adversário e observando-o profundamente — permitem assinalar as grandes concentrações que se fizerem, visando a determinada manobra estratégica.

No entanto, será possível obter-se a surpresa estratégica, desde que se furem as forças à Aviação adversária, isto é:

- realizando desdobramentos mais amplos;
- concentrando-se em curto prazo;
- imprimindo maior velocidade às operações.

Além disso, uma surpresa obtida durante o conflito é menos duradoura em razão de diversos fatores envolvidos, inclusive, porque muitas medidas adotadas já não constituem surpresa. A própria doutrina já foi revelada pelos contendores.

Assim é que vamos encontrar as várias ofensivas alemãs de 1918, desencadeadas com o propósito de romper o equilíbrio resultante do

fracasso da batalha das fronteiras e do plano Schlieffen. Apela os alemães, novamente, para as surpresas tática e estratégica, primeiro em Riga, depois em Caporetto, obtendo penetrações de várias dezenas de km. Parecia que os princípios de guerra, principalmente a surpresa, readquiririam todo o esplendor do início da guerra, depois da experiência de Cambrai. Do mesmo modo conduzem os aliados suas operações, culminando com a contra-ofensiva do Marechal Foch. A repercussão de tais arremetidas, porém, foi efêmera, no tempo e no espaço.

Na 2ª Grande Guerra encontram-se fenômenos semelhantes, como na manobra montada pelos aliados sobre o Garigliano e Anzio, visando à posse de Roma. Mais tarde, ainda do lado aliado, observam-se os reduzidos efeitos da maior operação aeroterrestre da história ("Market-Garden"). Enquanto do lado alemão o que vemos são as duas contra-ofensivas de Mortain e das Ardenas, ambas em profundidade.

Ademais, convém ressaltar, por ser oportuno, que a surpresa estratégica, além de favorecida pelas outras formas de obtenção da surpresa, poderá ser influenciada pelos chamados "falsos conceitos", como, por exemplo:

- o da inexpugnabilidade de certas defesas, linhas fortificadas e re-dutos (linha do Dyle, canal Alberto, Maginot);

- o da impenetrabilidade, por forças de vulto, de certos obstáculos, como a floresta das Ardenas;

- o da manutenção do domínio aéreo (contra-ofensiva das Ardenas);

- o da exaustão do adversário e sua impossibilidade para realizar contra-ofensiva de vulto (como em Mortain e nas Ardenas).

Ainda sobre os "falsos conceitos", vejamos o que diz o Gen De la Chapelle, em conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra da França:

"Em 1940 — As Ardenas eram inexpugnáveis; a linha Maginot impossibilitava os raids profundos de engenhos blindados; os bombardeios em vôo picado não poderiam generalizar-se; o Exército Alemão estava mais atrasado que o francês em matéria de carros.

Em 1941 e 1942 — a convicção britânica de que Singapura não seria ameaçada, a não ser pelo mar; a crença de Hitler sobre o aniquilamento do poderio militar soviético, depois da tomada de Moscou ou queda de Stalingrado.

Em 1944 — a recusa do OKW (1) em acreditar num ataque principal na Normândia".

Convém ressaltar, finalmente, que muito se beneficia a Surpresa Estratégica da guerra de movimento (fase inicial das 1ª e 2ª Grande Guerra) e da guerra em frente descontinua (como nos Teatros de Operações russo e asiático).

e. Surpresa Organizacional:

A Surpresa Organizacional caracteriza-se pela organização e treinamento prévio de certas formações, unidades ou GU, visando a finalidades específicas, ou não. Tal preparação, feita sob o maior sigilo, objetiva permitir o emprego desses meios com absoluto sucesso e com um mínimo de perdas. É uma surpresa mais de preparação dos meios que, propriamente, da execução operacional.

(1) Alto Comando Alemão.

Assim é que na 1ª Grande Guerra o emprêgo, em curto prazo, de formações da reserva alemã, logo no início das hostilidades e durante a batalha das fronteiras — formações que deram origem a unidades semelhantes às da ativa — fez com que os alemães pudessem lançar 123 DI e, não, 72 Divisões como o serviço de informações dos franceses havia previsto.

Os aliados surpreenderam-se, tremendamente, com o emprêgo, em íntima cooperação, do carro, do avião e da radiofonia pelos alemães, no início da 2ª Grande Guerra, além do lançamento de 10 Divisões Blindadas, organizadas em Corpos Blindados que agiam em estreita cooperação com a Força Aérea. Além disso, ainda vemos, no que diz respeito com a surpresa organizacional, o lançamento de unidades e destacamentos aeroterrestres e aerotransportados na Holanda e na Bélgica, em 1940.

Já de 1944 em diante, aparecem GU aeroterrestres do lado aliado, culminando com o lançamento de 3 Divisões Aeroterrestres, na Holanda, em setembro de 1944.

(Continua no próximo número)



Os conceitos emitidos nos artigos assinados em a SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR, são da exclusiva responsabilidade dos autores, não traduzindo, portanto, orientação da Diretoria da Revista.

Os originais publicados poderão ser transcritos, salvo quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e o autor.

A correspondência para SEÇÃO DE DOCTRINA MILITAR deverá ser endereçada a:

Maj Amerino Raposo Filho

"A Defesa Nacional"

Ministério da Guerra — Rio de Janeiro — Brasil.

II — CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA MILITAR

ENSAIO SOBRE PSICOLOGIA DO COMBATENTE BRASILEIRO

General LUIZ FLAMARION BARRETO LIMA

Nota do Redator:

O trabalho que se vai ler, reveste-se de particular importância, não só pela autoridade eminente do autor — antigo Chefe da Seção de História Militar da ECEME — como pelo relevo do tema focalizado.

Para compreender-se a filosofia de nossas lutas, internas e externas, um dos aspectos de grande expressão será, sem dúvida, a psicologia do Homem Brasileiro, suas virtudes, seus defeitos, sobretudo suas peculiaridades emocionais.

Só assim poderemos compreender seu comportamento na fase colonial, de que as lutas contra os holandeses, assim como o aventureirismo bandeirante, são exemplos significativos. Ou, ainda, sua atuação trepidante, movimentada, contendo muita vez a pigmentação caudillesca nos embates que se desenvolveram no Sul, mas invariavelmente consoante o anseio regional e nacional. Tudo se refletindo, mais tarde, na Guerra do Paraguai, nas Revoluções Republicanas e, mesmo, durante a Campanha da FEB na Itália, onde afloraram excelentes oportunidades para a fixação psicológica do nosso combatente, e que deverá certamente influir nos estudos que se fizerem, visando a uma estruturação doutrinária para as Forças Terrestres do Brasil.

No presente estudo, o então Ten-Cel Flamarion trata da Campanha de Canudos, repositório de um sem número de ensinamentos, de toda ordem.

Al Raposo Filho
maç

A psicologia do combatente não se pode inscrever na esfera da psicologia normal, sendo difícil, para não dizer impossível, predizer com segurança qual será o comportamento de um homem médio, participando ativamente de uma guerra, por mais estáveis que sejam suas reações.

Sem dúvida o homem médio de qualquer raça, cultura, crença, possui uma plasticidade mental incrível, podendo adaptar-se a qualquer situação, desde que esteja convencido da necessidade de fazê-lo. Se estiver incorporado ao estado emocional do grupo, que aceitou ou pretende convocar a guerra, essa adaptação não será difícil. Mas, ao contrário, se não se convenceu da necessidade de fazer a guerra, aceitando apenas suportá-la com resignação, estará desajustado, indagando frequentemente de seus "por quês", ou reagindo com uma série de "poréns". Num ou noutro caso, submergido por situações anormais, o mais que se poderá prever é que a anormalidade seja a regra geral de seu comportamento.

Pode-se, no entanto, estabelecer com bastante precisão, algumas constantes de seu comportamento e, por via delas, os limites em que poderão variar suas emoções básicas: defesa-medo, ataque-côlera, criação-amor. Assim sendo, convirá antes de entrar no exame do fato histórico, que pretendemos estudar, precisar o que entendemos por combatente sob o ponto de vista psicológico e investigar algumas das condicionantes de seu comportamento em combate.

O COMBATENTE

No "Dicionário Militar para Operações Combinadas" se encontram as seguintes definições:

— "*Tropa* — Termo coletivo que designa o pessoal de uma organização militar (não aplicável a marinheiros embarcados)".

— "*Tropa combatente* — Pessoal organizado, equipado e treinado para cumprir missão de combate".

Dessas definições poderemos concluir que a Tropa só recebe o qualificativo de combatente, quando se destina a cumprir uma missão de combate, que pode ou não, ser efetivada e independente de sua situação no Teatro de Guerra. Igualmente, nos parece acertado concluir, que combatente é o soldado que tem como missão principal e específica combater, isto é, que está destinado principal e permanentemente à luta armada com o inimigo.

Mas, sob o ângulo psicológico o que importa não é o que o indivíduo deve fazer, mas as emoções que lutam dentro dele para definir a resultante de sua atitude, em face da situação que defronta. Um soldado na primeira linha está mais sujeito ao medo, que outro operando um pósto de suprimento. Mas o primeiro tem junto a si muitos companheiros, está apoiado por um armamento poderoso, se sente membro de uma organização potente; enquanto o segundo está mais ou menos isolado, trás um armamento mais leve, não se sente tão integrado na organização a que pertence. Logicamente o primeiro terá mais medo, mas se sentirá mais confiante, enquanto o segundo terá menos medo mas se sentirá menos seguro. Qual a reação psicológica, que terão ambos, em face de um ataque aproximado? Só a realidade poderá responder com segurança a essa pergunta.

Assim sendo, nos parece conveniente, num estudo psicológico do combatente, nos atermos mais ao exame das situações que condicionarão suas emoções básicas, do que à missão que recebeu.

TIPOS DE COMBATENTES

Admite-se facilmente a existência de três tipos combatentes: o mercenário, o conscrito, o voluntário. Três palavras podem também definir o traço dominante na psicologia de cada um deles. O mercenário, o sôldo; o conscrito, o dever; o voluntário, a causa.

O mercenário faz a guerra por dinheiro. Fixa o preço de uma tarefa, executa-a e a cobra. Serve a quem melhor o pague e o submeta a menores riscos. O conscrito faz a guerra como uma obrigação, por imposição da Lei. É dominado pelo dever a que se poderá juntar a resignação, a firmeza e, até mesmo, a exaltação.

O voluntário é uma convicção em marcha. Integra-se na luta para obter o triunfo de um ideal. Quando essa convicção deixa de ser racional para se transformar numa mística, o voluntário poderá transmutar-se num fanático. Se perde o impulso idealista e permanece na fileira acabará como um mercenário, trocando o ideal pelo sôldo.

Psicologicamente, o combatente que está melhor predisposto para adaptar-se às condições especiais de uma guerra é o voluntário. É natural que seja assim, pois já trás na sua personalidade, como convicção profundamente enraizada, as razões que reclamarão e justificarão sua adaptação a essa situação, as quais funcionarão como lubrificante de suas reações.

O COMBATE

O ambiente em que se desenrola o combate moderno é de um vazio cheio de ruídos e de luzes aterrorizantes. Vê-se pouco o inimigo, mas

vêm-se e ouvem-se muito bem as manifestações de sua presença. O perigo parece estar em toda parte e, especificamente, em parte alguma. Pode estar no chão que se pisa, no ar que se respira, no horizonte que se perscruta. Tudo é incerto. O que há de definitivo, mas impalpável é o sentimento do desconhecido, do inesperado, do imprevisível. Agrava-o a solidão que cerca geralmente o combatente moderno. Dispersos, enterrados nos seus buracos, perdidos no meio do fumo ou dos nevoeiros artificiais, os companheiros não são facilmente visíveis e quando o são, se reduzem à pequena equipe habitual. E como é confortador ouvir-se, próximo, uma voz amiga ou lóbrigar-se, na curta corrida de um lance, um vulto conhecido. E como é tentador deixar-se ficar para trás, aconchegado àquela depressão acolhedora do terreno, enquanto a tempestade de ferro e fogo estrondeia e se abate em derredor. Nenhum oficial está por perto, nem mesmo um graduado. Ficar para trás como aconselha o instinto de conservação, ou avançar como o impõe o dever? Esse dilema que defronta o combatente moderno, esse o drama emocional que nesse ou noutro matiz, vive diariamente. De que dependerá sua resposta? Investiguemos.

A Arte da Guerra evoluiu muito, mas o homem mudou pouco. O poder de destruição do armamento cresceu, o campo de batalha ganhou novas e maiores dimensões, o perigo da morte se tornou mais frequente e mais permanente, mas o Homem continua sendo, como o foi antigamente, o instrumento primário do combate. E hoje, como ontem, não luta por prazer, mas para assegurar a vitória que julga justa ou necessária. E todo seu engenho se tem concentrado em assegurar o triunfo e poder gozá-lo, isto é, em matar o inimigo, correndo o menor risco de morrer.

Sua capacidade combativa, sua agressividade resultarão, pois, em grande parte, da certeza que tiver de sua superioridade sobre o inimigo, da possibilidade que estimar de triunfar sobre ele. A potência de que dispuser o combatente está assim, intimamente associada à sua agressividade, à sua vontade de lutar. E como a medida dessa potência depende essencialmente de uma avaliação individual, percebe-se facilmente como podem ser diferentes a agressividade dos indivíduos armados do mesmo modo quando apreciado e comparada isoladamente.

Buscou-se, então, substituir essas componentes tão dispare, por uma resultante que, compensando os mínimos e máximos das avaliações individuais, integrasse a força de cada um na potência coesa e disciplinada do conjunto. Já não há então indivíduos, mas grupos unificados pela solidariedade, hierarquizados pela subordinação de uns a outros, todos vitalizados pelo sentimento do dever, pelo espírito de sacrifício, pela necessidade de fazer vitoriosa a causa comum. Dominando o grupo, um Chefe deve zelar para que a agressividade de todos os combatentes se integre na do grupo de que são parte e que ele corporifica.

O instinto de conservação individual ficará assim amortecido por um critério moral, que deve ser um ponto de honra. Já não se trata de uma luta de indivíduos, mas do grupo de que participam. A fuga do indivíduo ao combate já não é apenas vergonhosa, mas infamante, porque implica no abandono do Chefe e dos companheiros. É traição. O problema se transmuta: já não é apenas o de assegurar a vida, mas as razões de viver.

Esse homem coletivizado em face de uma tropa disciplinada é, naturalmente, um valente, porque substituiu sua coragem individual pela do grupo que o enquadra. Mas em luta com outra organização também coesa e poderosa o instinto de conservação retoma nele todo o império. Cumpre pois fortalecer o elemento que se lhe opõe, o sentimento do dever. E isso se fará espicaçando-o, com estímulos adequados, apoiando suas imposições com sanções que a inobservância dele acarretará. Substituiu-se assim o horror da morte por um horror maior: o horror ao castigo, à

desonra, ao desprezo público. Mas há sempre a possibilidade de que o horror natural sobrepuje o horror moral, sobrevivendo então o pânico.

Do que dissemos poderemos concluir que a capacidade combativa do indivíduo está intimamente ligada à organização, à disciplina e à potência do grupo de que é membro, e ao valor do chefe que o encarna. Inicialmente, e sobretudo, é necessário que o combatente esteja convencido de que defende uma boa causa e de que seu triunfo é possível. Obtido esse primeiro resultado é preciso dar-lhe chefes decididos, firmes e enérgicos, que lhe possam servir de exemplo no cumprimento do dever. Dar-lhe as melhores armas e ensinar-lhe os melhores processos de empregá-las. Apoiá-lo fisicamente, cuidando de sua saúde, de seu conforto, de seu bem-estar; animá-lo com paixões elevadas, como o anseio pela independência, o sentimento religioso, o amor à glória; estimular incansavelmente o seu sentimento do dever, que é em última análise o liame que o liga aos chefes e aos companheiros.

O Professor Myra y Lopez, estudando as emoções básicas do combatente, assim apoiado e organizado, alinhou os seguintes fatores que o influenciam:

(a) Defesa-mêdo:

- Ausência de direção ou de comando.
- Exaustão física e mental decorrente de excesso de ruídos e de luzes; de silêncio ou solidão; imprecisão do perigo e temor de que esteja cercado pelo inimigo; receio de armas desconhecidas.
- Falta de um plano definido de ação, resultando na insegurança de quem não sabe como agir em face de uma situação determinada.

(b) Ataque e cólera:

- Agressividade constitucional resultante da saúde física e mental, do temperamento, da educação, etc.
- Poder de autodomínio, que anula ou amortece os temores imaginados.
- A prévia disposição afetiva, conseqüente do maior ou menor convencimento da necessidade de realizar a ação.
- A proximidade do inimigo no tempo e no espaço.
- O suposto poder agressivo do inimigo.
- Experiência prévia quanto às possibilidades de triunfar sobre o inimigo ou de ser por ele derrotado.
- Vantagens pessoais de enfrentar ou iludir o inimigo.

TENDÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO COMBATENTE

Submergido por esse conjunto de forças antagônicas e sumamente variáveis, qual será, de um modo geral, a tendência da conduta do combatente?

É certo que, antes de tudo, ele é um animal natural, como atestam os seus caninos bem a mostra. E sendo-o, sua reação deveria subordinar-se à fórmula simplificadora de que o forte sobreviverá ao fraco.

Mas é também uma alma, uma pessoa, que discrimina, compara, pesa e julga valores espirituais e morais. Seus pés estão firmemente plantados na terra, mas sua alma está permanentemente voltada para Deus.

Dêsse modo não pode ser apenas uma expressão da luta pela existência mas, e sobretudo, o resultado de uma luta da existência. Síntese de perpétuas e oscilantes anotinomias é uma expressão de forças em conflito e sua conduta uma resultante inevitável delas.

A primeira consequência desse fato, mergulhado o combatente no mundo novo da Guerra, será seu rompimento com todo um passado de hábitos, de sentimentos, de opiniões, de crenças, de preconceitos e seu encontro com o imprevisível, o desconhecido, o inesperado. Não sabe, em uma hora determinada, o que lhe poderá acontecer noutra. Estão superadas suas reações habituais. Adaptando-se, formulará novos planos, adquirirá novos hábitos, adotará novas atitudes, esfoçando-se por trabalhar e produzir com a mesma eficiência física e mental anteriores. E isso exigirá dele inteligência, iniciativa, plena liberdade de pensar e de agir.

Mas, nesse ponto, absorve-o a máquina militar, constringindo-o e tolhendo-o nas malhas rígidas de sua organização e disciplina. Deve evitar cuidadosamente certos perigos e enfrentar decididamente outros. Deve estimar os companheiros e ser capaz de denunciar qualquer deles em caso de traição ou derrotismo; respeitar os superiores, mesmo aqueles que lhe pareçam não merecê-lo; obedecer cegamente as ordens mais extravagantes e possuir espírito crítico, determinação própria, raciocinar; comportar-se como um selvagem, ou uma besta feroz, e meia hora depois, como um indivíduo educado. Deve, em suma, ser um perfeito ginasta mental, adaptando-se continuamente às mais diversas situações e continuar lúcido, equilibrado, eficiente.

A existência nesse estado conduz naturalmente às condições emotivas da vida primitiva, em que as paixões negativas do medo e da cólera, predominam sobre os estímulos criadores da simpatia e da compreensão. O combatente tenderá então para o abandono das emoções generosas e elevadas, substituindo-as pelas reações instintivas e naturais, afetivamente irracionais, caracterizadas por atos extremos. Progressivamente sua conduta passará a inspirar-se na Lei do "tudo ou nada", que se traduz praticamente por completa insensibilidade a certos estímulos e pronta e agressiva reação a outros, sem meios termos repoussantes. Todos os que fizeram a guerra sentiram em si ou observaram nos outros essa tendência, que se manifesta primeiro no desleixo do uniforme, no abandono de certas práticas higiênicas, para se fixar depois em ásperas e agressivas demonstrações de ceticismo, de desprezo pelas normas convencionais, justificadas pelo conceito de que "a guerra é assim".

O COMBATENTE BRASILEIRO NA "CAMPAÑA DE CANUDOS"

Esbocados esses aspectos gerais da psicologia do combatente e caracterizados os principais fatores que condicionam suas reações básicas, apreciaremos a conduta de combatentes brasileiros em duas ações de Campanha de Canudos, ocorridas em 1897. Sem dúvida, a Campanha de Canudos, não foi uma Guerra, no sentido que lhe pretendemos dar nas observações anteriores, mesmo encarada sob o aspecto restrito de uma guerra civil. Ali se defrontaram, com efeito, de um lado algumas Unidades do Exército Nacional, no cumprimento de uma missão mais policial que militar e, de outro, um grupo de sertanejos ignorantes, sem organização, armamento e comando regulares, que tinham como denominador comum, apenas, o fanatismo religioso e a obediência incondicional a um chefe espiritual. Tratava-se, pois, mais de uma expedição punitiva, que visava a dispersar e destruir um agrupamento social heterogêneo e espúrio, do que de uma luta armada entre forças regulares.

Mas esse caráter especial da ação bélica não invalidará as observações que fizermos sobre o comportamento dos combatentes que dela participaram, contribuindo ao revés, para esquematizar melhor as reações que apresentaram, pois nela se empenharam bem definidos, os dois principais tipos de combatentes: — o voluntário e o conscrito.

O primeiro representado pelo fanático religioso, que entrou no conflito em defesa de suas crenças, movido mais pelo desejo de sacrificar-se, do que pela vontade de destruir o inimigo. Buscava mais o martírio, do que a destruição. O segundo é o soldado do tempo de paz, conscrito no sentido psicológico, porque jungido ao dever de servir, mas no fundo um mercenário, pois visava fundamentalmente ao sôldo. Obedecendo ordens deixou o conforto e a segurança relativos de seus quartéis, para o que julgava ser um passeio militar, uma excitante e rápida aventura.

De ambos os lados nenhuma excitação psicológica anterior. Em jogo, apenas interesses que sentiam mas não compreendiam bem.

Mas, dos dois lados, o Homem é o mesmo. É o mestiço brasileiro, com suas taras atávicas, seus desencontros emocionais, sua fanfarronice e petulância costumeiras, mas, servido por uma incrível capacidade de adaptação, uma natural vocação para a guerra, um admirável espírito de luta.

Fixados os tipos dos combatentes e reavivados os seus traços psicológicos principais passemos aos fatos.

"A LÉGIO FULMINATA DE JOÃO ABADE"

Canudos, uma fazenda velha, perdida numa curva do Vasa Barris, em pleno sertão baiano, ganhara, no ano de 1896, triste notoriedade, como valhacouto de bandidos que dali partiam para assaltar e depredar as vilas vizinhas, executar empreitadas particulares ou políticas, a sôldo do coronelismo sertanejo.

Atraídos pela auréola mística de Antônio Conselheiro, um paranoico bronco e esperto, ali se tinham reunido com o crente fervoroso, o bandido nômade e o assassino contumaz, constituindo-se uma população heterogênea nas mais baixas condições sociais. Jungidos, porém, ao prestígio do evangelizador primitivo, êsses voluntários da miséria e da dor, formavam uma clã dominada por uma psicose coletiva, que a levava a aceitar como infalíveis as decisões irrevogáveis dêsse chefe natural.

"O sertanejo simples transmudava-se, penetrando-o, no fanático destemeroso e bruto. Absorvia-o a psicose coletiva. E adotava ao cabo, o nome até então consagrado aos turbulentos da feira, aos valentes das refregas eleitorais e saqueadores de cidades: jagunço". Suas armas eram o facão de fôlha larga e forte, o ferrão de picar a rês empacada, a parnaíba longa e esguia como uma lanceta, o cacête nodoso de jucá, a espingarda de caça e raros clavinotes e bacamartes bôca de sino.

Depois de diligências infrutíferas da polícia estadual, pensou-se numa expedição militar regular para extirpar aquêle cancro social, que ameaçava infeccionar o sertão inteiro.

Em 12 de janeiro de 1897, essa expedição, constituída dos 9º, 26º e 33º Batalhões de Infantaria, sediados, respectivamente, em Aracaju, Maceió e Salvador, reforçados por 2 canhões Krup, 2 metralhadoras Nordenfelt, com suas guarnições, e 200 homens da Polícia baiana, partia de Monte Santo, em busca de Canudos, sob o comando do Major João Febrônio.

No dia 17, tinha atingido Rancho das Pedras, a 12 km de arraial de Canudos. Para alcançá-lo cumpria atravessar um desfiladeiro estreito e profundo da serra do Cambaio, por onde no dia seguinte se engolfou essa força numa longa e serpejante coluna. De repente, o inimigo até então invisível, rebentou do chão num estralejar de tiros esparsos e rouquejar de gritos e impropérios, em que os vivos ao Senhor "Bom Jesus" e ao "nosso Conselheiro", alternavam com a frase provocadora e pejorativa "avança fraqueza do Governo". De uma ponta a outra a coluna estava sob o fogo do inimigo.

A surpresa foi total. Mas o comando da tropa se impôs e pouco mais tarde, a Artilharia, em posição, bombardeava à queima roupa os sertanejos, que debandaram tontos, numa dispersão instantânea. Continuou a marcha, reorganizado o dispositivo.

Pequenos grupos inimigos flanqueavam a coluna de um e outro lado do desfiladeiro, correndo pelos cimos, aparecendo e desaparecendo, mas sempre hostilizando-a. Outros, constituídos de 3 a 4 homens, abrigados em boas posições de tiro alvejavam-na. Como as armas eram poucas empregavam um artilheiro. Enquanto um atirador único disparava imperturbável a arma, os outros carregavam os clavinotes e espingardas disponíveis. Se esse atirador era abatido, outro o substituiu célere e um novo busto, que para o inimigo era sempre o mesmo, resurgia indistinto, disparando com precisão sua espingarda ou clavinote. Era como se a posição de tiro fosse ocupada por um atirador fantástico e invulnerável, que abatido, resurgisse assombroso e terrível.

Mas, essa era uma luta desigual, pois os tiros da defesa pelo alcance das armas não atingiam os atacantes, e após três horas de luta aconteceu o inevitável. O caminho foi aberto, balizando-o 150 cadáveres de sertanejos. As perdas das forças regulares eram de 4 mortos e uma vintena de feridos sem gravidade. A marcha prosseguiu e ao anoitecer, a força acampou nos Taboleirinhos, tendo os sedentos e famintos corrido em descerdem para molharem os rostos afogueados e as gargantas ressequidas, nas águas paradas e lodosas da Lagoa de Cipó. Depois, no desleixo das fadigas acumuladas e na ilusão do triunfo recente, adormeceram.

Os jagunços, fervilhando na caatinga, rodearam o acampamento, vigiando sem ruído aquele sono profundo.

Na manhã seguinte, a coluna tomou o dispositivo de marcha. E, nesse ponto, passemos a palavra a Euclides da Cunha, para não perdemos no sabor de sua prosa magnífica, a fotografia do que se seguiu.

"Mas antes de abalarem sobreveio ligeiro contratempo. Um shrapnell emperrara na alma de um dos canhões, resistindo a todos os esforços para a extração. Adotou-se, então, o melhor dos alvites: disparar o Grupo na direção provável de Canudos.

De fato, o tiro partiu. E a tropa foi salteada por toda a banda. Abandonando as espingardas imperfeitas pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilha, pelas agulhadas longas e pelos facões de folha longa, os sertanejos enterreiraram-na, surgindo em grita, todos a um tempo, como se aquele disparo lhes fosse um sinal prefixo para o assalto.

Felizmente os expedicionários, em ordem de marcha, tinham prontas as armas para a réplica, que se realizou logo em descargas rolantes e nutridas.

Mas os jagunços não recuaram. O arremesso da investida jogara-os dentro dos intervalos dos pelotões. E pela primeira vez os soldados viam, de perto, as faces trigueiras daqueles antagonistas, até então esquivos, afeitos às correrias velozes da montanha."

Em Canudos se ouviu o picotar dos tiros em Taboleirinhos e João Abade que era o "comandante das ruas", reuniu os últimos homens válidos, cerca de 600, pondo-se em marcha para reforçar os companheiros. Será ainda a Euclides da Cunha que pediremos nos conte o sucedido.

"A meio caminho, porém, a sua coluna foi inopinadamente colhida pelas balas. Atirando contra os primeiros agressores no lugar do encontro, os soldados mal apontavam; de sorte que, na maior parte, os tiros, partindo em trajetórias altas, se lançavam segundo o alcance máximo das armas. Ora, todos estes projetis perdidos, passando sobre os combatentes, iam cair, adiante, no meio da gente de João Abade. Os jagunços, perplexos, viam os companheiros baqueando, como fulminados;

percebiam o assobio tenuíssimo das balas e não lobrigavam o inimigo. Em torno os arbúsculos estonados e raros não permitiam tocaias; os cerros mais próximos viam-se desnudos, desertos. E as balas desciam incessantes, aqui, ali, de soslaio, de frente, pelo centro da legião surpreendida, pontilhando-a de mortos — como uma chuva silenciosa de raios.

Volveram, atônitos, as vistas para o firmamento ofuscante, varado pelos ramos descendentes das parábolas invisíveis; e não houve, depois, contê-los. Precipitaram-se desapoderadamente, para Canudos, onde chegaram originando alarma espantoso.

Quebrou-se o encanto do Conselheiro. Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos, as crenças que o haviam empolgado. Bandos de fugitivos, sobraçando trouxas estavanadamente feitas, porfiavam na fuga, atravessando, rápidos, a praça e os becos, demandando as caatingas, sem que os contivesse os cabecilhas mais prestigiosos; enquanto as mulheres, em desalinho, em gritos, soluçando, clamando, numa algazarra indefinível, mas ainda fascinadas, agitando os relicários, rezando, se agrupavam à porta do Santuário, implorando a presença do evangelizador.

Mas Antônio Conselheiro, que nos dias normais mesmo evitava encará-las, naquelas aperturas estabeleceu separação completa. Subiu com meia duzia de fiéis para os andaimes altos da igreja nova, e fez retirar, depois, a escada.

O agrupamento agitado ficou embaixo, imprecando, chorando, rezando. Não o olhou sequer o apóstolo esquivo, atravessando impassível sobre as táboas que infletiavam, rangendo. Atentou para o povoado revoltado, em que se atropelavam prófugos, os desertores da fé, e preparou-se para o martírio inevitável.

Neste comenos sobreveio a noxa de que a força recuava.

Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio."

UMA EXPLICAÇÃO DO FATO

Este o fato desconcertante. No combate do morro do Cambaio, o desprezo pela morte, o heroísmo sem testemunhas, a bravura sem par, na marcha para os Taboleirinhos o apêgo à vida, o medo paralisante, o pânico incontrolável, apesar da ausência física do inimigo. Os homens eram os mesmos, a organização, o armamento, os chefes, os interesses, não mudaram. E, no entanto, a conduta individual ou coletiva foi diametralmente oposta. Tentemos a explicação.

Observemos em primeiro lugar que os combatentes eram ignorantes e supersticiosos, o que ampliava e dilatava os limites de sua credulidade. Batiam-se por motivos sobrenaturais, que não se apoiavam na razão, mas no sentimento. Não defendiam um princípio, um direito, um interesse material; mas a fé, inconsciente e irracional, que os sustentava e animava. O prêmio que ambicionavam e que acreditavam certo não pertencia a este mundo, mas a outro, que criaram nos seus espíritos embrutecidos. Absorvidos por essa mística viam a morte como uma libertação. Libertação das misérias deste mundo; ingresso no reino da felicidade eterna. O preço dessa transição era a morte, o sacrifício, o martírio. Nessas condições o instinto de conservação estava inteiramente submergido pelo sentimento da fé e perdera todo seu poder. O perigo não os afastava, atraía-os. A morte não os horrorizava, fascinava-os.

No Cambaio, havia ainda a certeza do perigo representado por aqueles soldados bem armados e por aqueles canhões tonitroantes. E como parecia pequeno, em face do temor a uma condenação eterna, aos suplícios infernais.

Era necessário não perder a oportunidade de pagar tão pouco, para ganhar tanto. E vimos, então, um João Grande, herói alucinado, lançar-se indefeso sobre uma peça de Artilharia e cair esvicerado por um de seus tiros disparados à queima-roupa.

Na marcha para os Taboleirinhos o quadro psicológico era ainda o mesmo. Apenas o inimigo estava distante.

De repente começaram a cair mortos ou feridos, como se os abatesse u'a mão invisível, aqueles filhos diletos da Providência, quem os feria assim? O inimigo distante, de quem ignoravam o alcance das armas, ou a mão de Deus, que os abandonava retirando-lhes a proteção de sua Graça. A resposta rebentou na consciência de cada um, como uma revelação. Deus os condenara.

Desmoronava-se, assim, em segundos, a armadura psicológica que os sustentava.

O julgamento estava feito e lhes fôra desfavorável. O sacrifício se tornava inútil, perdera seu objetivo. O instinto de conservação recuperou todo seu domínio, o medo apareceu com a máxima violência, paralisando mesmo as reações habituais com o abrigar-se, ou dispersar-se. E houve o pânico.

À margem do episódio será interessante assinalar o aparecimento dos chefes naturais; a fertilidade da imaginação suprimindo a deficiência do armamento; a lealdade para com o inimigo que teve seu sono respeitado. E dominando tudo, o espírito combativo, que não se escorava na superioridade material e moral, fundamentado-se na bravura espontânea, no heroísmo natural, na coragem sem cálculo.

SEGUNDA EXPEDIÇÃO A CANUDOS

A nova do insucesso imprevisto e humilhante da expedição do Major Febrônio repercutiu na Capital da República como uma bofetada. E para liquidar a questão o Governo decidiu enviar contra os fanáticos de Canudos uma força poderosa, convidando para comandá-la um dos oficiais de maior reputação e prestígio no Exército, o Cel Antonio Moreira Cezar, recém vindo de Santa Catarina, onde grangeara renome excepcional de coragem, tenacidade e energia.

Tomamos do retrato, que dêle fez Euclides da Cunha, os traços psicológicos que se seguem.

"Os que pela primeira vez o viam custava-lhes admitir que estivesse naquele homem de gesto lento e frio, maneiras corteses e algo tímidas, o campeador brilhante, ou o demônio cruelíssimo que idealizavam. Não tinha os traços característicos nem de um nem de outro. Isto, talvez, porque fôsse as duas coisas ao mesmo tempo.

Naquela individualidade singular entrechocavam-se antinômicas, tendências monstruosas e qualidades superiores, umas e outras no máximo grau de intensidade. Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. Uma alma preteiforme constrangida em organização fragilíssima.

Assim, era um desequilibrado. Em sua alma a extrema dedicação esvaia-se no extremo ódio, a calma soberana em desabrimentos repentinos e a bravura cavalheiresca na barbaridade revoltante.

Tinha o temperamento desigual e bizarro de um epilético provado, encobrindo a instabilidade nervosa de doente grave em placidez enganadora."

Esse o Chefe da expedição no julgamento de Euclides da Cunha.

Aceitando o convite, o Cel Moreira Cezar partiu para a Bahia, em 5 de fevereiro de 1897, com o Batalhão de seu comando o 7º de Infantaria, a melhor Unidade do Exército, o 2º Regimento de Artilharia sob comando do Cap José Agostinho Salomão da Rocha e um Esquadrão do

9º Regimento de Cavalaria comandado pelo Capitão Pedreira Franco. Na Bahia se lhes juntaram o 16º Batalhão de Infantaria de S. João Del Rei o 9º de Infantaria do Coronel Pedro Nunes Tamarindo.

No dia 8 de fevereiro, cinco dias após sua partida do Rio, estava em Queimados, com 1.300 homens e 15 milhões de cartuchos. A reunião fôra um prodígio de rapidez e espelhava bem a intensão do Chefe de "lançar a marche marche mil e tantas baionetas dentro de Canudos".

No dia 21, conduzindo 1.281 homens com 220 tiros em cada patrona e 60.000 em reserva, abalou inesperadamente de Monte Santo. No dia 2 de março, depois de longas e extenuantes marchas, alcançou o Rancho do Vigário em pleno território inimigo. Decidiu aí, que no dia 3 marcharia para o Angico, oito quilômetros além, e no dia 4, refeita a tropa por uma noite bem dormida, atacaria a "Meca sertaneja".

OS PREPARATIVOS DOS "JAGUNÇOS"

Entrementes, corra pelos sertões, espontâneo e veloz, um toque de reunir. Jagunços do S. Francisco, cangaceiros dos Capiris, valentões de todos os matizes, afluíam diariamente ao arraial. "A capangada atestada de balas, o polvarinho cheio, a garrucha de dois canos atravessada à cinta donde pendia a parnaíba inseparável; à bandoleira o clavinote bôca de sino".

E, logo, sob a direção de João Abade, se entregavam à preparação da defesa.

Reparavam-se armas, cavavam-se trincheiras, preparava-se pólvora, juntavam-se projetis vários. Súbito correu pelo arraial a notícia da marcha da expedição e com ela soube-se o nome de seu Comandante, "herói de quatorze batalhas" como o apresentava a musa sertaneja. O espanto por um momento imobilizou braços, arregalou olhos, espalhou-se nas conversas da bôca da noite; depois desfez-se na indiferença de um apelido pejorativo e lúgubre: — vinha ali o "Corta Cabeça".

A noite, vestido no seu camisolão azul, aparecia Antônio Conselheiro. Parado, o olhar perdido na distância, se mantinha imóvel e silencioso por horas a fio. De repente daquela imobilidade indistinta e fantástica rompia a palavra vibrante sublinhada pelo olhar de fogo daquele "evangelista humilimo e formidável". E a multidão estática o ouvia em transe.

TRAÇOS PSICOLÓGICOS DO CONSCRITO

No dia 3 de março o Coronel Moreira Cezar se pôs em marcha para o Angicos.

Entusiasmados, seguros, tranqüilos, marchavam os soldados que Euclides da Cunha viu, psicologicamente, assim:

"Homens de tôdas as côres, amálgama de diversas raças, parece que no sobrevir dos lances perigosos e no abalo de emoções fortíssimas, lhes preponderam, exclusivas, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos selvagens, a inconsciência do perigo, o desapêgo à vida e o arremêso fatalista da morte.

Seguem para a batalha como para algum folguedo tûrbulento. Intoleráveis na paz que os molifica, os infirma, e relaxa; inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam sem garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda desastradamente manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto, transmudando-os em poucos dias, disciplinando-os, enrijando-os, dando-lhes em pouco tempo, nos exercícios extenuadores da marcha e do combate, o que nunca

tiveram nas capitais festivas, a altivez do porte, a segurança do passo, a precisão do tiro, a celebridade das cargas. Não boquejam a reclamação mais breve nas piores aperturas e nenhuns se lhes emparelham no resistir à fome, atravessando largos dias à brisa, segundo dizer de seu calão pitoresco. Depois dos mais angustiosos transe, vimos valentes escaveirados meterem, à bulha o martírio e troçarem, rindo, com a miséria.

No combate é desordenado, é revoltado, é turbulento, é um garoto heróico e terrível, arrojado contra o adversário, de par com a bala ou a pranchada, um dito zombeteiro e irônico. Bate-se sem rancor, mas estrepitosamente, fanfarrão, folgando entre as cutiladas e as balas, arriscando-se doidamente, barateando a bravura. Fá-lo, porém, de olhos fitos nos chefes que o dirigem e de cuja energia parece viver exclusivamente. De sorte que a mínima vacilação daqueles tem, de chôfre, extintas tôdas as ousadias e cai num abatimento instantâneo salteado de desânimos invencíveis".

O ATAQUE

Às onze horas a expedição chegou aos Angicos. E em vez do repouso anunciado receberam do Chefe o convite para almoçarem em Canudos. Aceitaram com gritos entusiásticos, atirando os bonés para o alto.

Meia hora depois os infantes dispersos em linhas de atiradores desciam o alto da Favela na direção da marcha acizentada do arraial. A artilharia fez dois disparos à guisa de cartão de visita. Respondeu-lhes do alto da torre da igreja velha o sino pequenino tocando rebate.

E logo depois a luta começou. Dispersa em conflitos parciais, afundou-se no casario desconstruído, emergiu nos altos desnudos, tumultuosos, intermitente, incontrolado. Cercado por seu Estado-Maior o Coronel Moreira Cezar viu seus Batalhões divididos, dispersarem-se em pequenos grupos perdidos e nos meandros do terreno atormentado, no labirinto das vielas irregulares, varejando, revolvendo, queimando os casabres imundos. Mas, viu também que os fanáticos não esmoreciam, resistindo nas tricheiras, nos buracos, nos altos, em toda parte. Decidiu então lançar o Esquadrão de cavalaria naquele terreno empinado em corcovas ásperas, apertado em corredores estreitos, cortado no leito de águas encaixadas. Partiu a carga. Mas, os cavalos não conseguiram vencer essas dificuldades, refugaram, empinaram, tomaram os freios nos dentes e voltaram à linha de partida. O chefe indignado lançou-se na direção deles gritando: — "Eu vou dar brio àquela gente". Galopou pouco. Colheu-o uma bala bem dirigida e ele caiu desamparado sobre o arcão dianteiro do selim, ferido no ventre. Assumiu o comando o Coronel Tamarindo, entrecrocado e surpreso.

Aproximando-se a noite começou o refluxo dos atacantes, decepcionados perseguidores de uma vitória fácil e certa, que lhes fugira por entre os dedos, vindos aos grupos ou isolados, não se sabe donde, extenuados, trôpegos, transformando as armas em bastões. Foram se acumulando junto às posições de Bateria com se buscassem no aço daqueles canhões a têmpera que sentiam fugir-lhes da alma. Inconformados, arrastaram-nos mais tarde para longe, afastando-se dos sertanejos, que no momento tiravam os rudes chapéus de couro, descobrindo-se ao som do Angelus, enquanto disparavam a última descarga.

A noite, já no acampamento improvisado, o Coronel Tamarindo, em Conselho com os oficiais, tendo obtido a unânime aprovação deles, decidiu retirar no dia seguinte. Cientificado dessa decisão, o Coronel Moreira Cezar exigiu que se lavrasse uma ata da reunião havida, consignando nela seu protesto formal e a promessa de que se fosse efetivada abandonaria a carreira das armas. A altivez do Chefe ferido, que recebia seu último golpe, não convenceu a oficialidade e a decisão foi

mantida, dando-se as ordens conseqüentes. A repercussão sobre os soldados foi terrível.

E vindo de baixo, das brasas das palhocas, queimadas, subiu uma ladainha triste e dolente, estropeada nos Kiries lamentosos e roucos, envolvendo a soldadesca apreensiva, como uma advertência significativa. Pela madrugada correu comovida e aterradora a nova de que o Coronel Moreira Cezar morrera.

O PÂNICO

Aos primeiros clarões da manhã a Vanguarda se pôs em marcha, seguida pelas ambulâncias, os cargueiros, os feridos e, numa padiola, o corpo do Chefe morto. Logo depois foi rudemente atacada de todos os lados pelos jagunços, que saltavam de dentro do mato num vozerio infernal, enquanto o sino da igreja velha tocava rebate e toda a população de Canudos, velhos, mulheres, crianças trepidas nos morros próximos, contemplava a cena "dando ao trágico do lance a nota galhofeira e irritante de milhares de ass-bios estridentes, longos, implacáveis". E na descrição de Euclides da Cunha:

"Foi uma debandada.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas em que se estorciam feridos; jogando fora as peças do equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para carreira desafoçada, e correndo, ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficará, logo ao desencadear-se o pânico — tristíssimo pormenor! o cadáver do comandante.

Apenas a Artilharia, na extrema retaguarda, seguia vagarosa e unida, solene quase, na marcha habitual de um revista, em que parava de vez em quando, para varrer a disparos as macegas traicoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível.

A dissolução da tropa parara no aco daqueles canhões, cuja guarnição diminuta se destacava maravilhosamente impávida, galvanizada pela força moral de um valente.

A Bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho.

O Coronel Tamarindo, que volvera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heróicamente na hora da catástrofe, da tibieza anterior, ao deparar com aquêle quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de "meia-volta, alto". As notas das cornetas, convulsivas, emitidas por corneteiros sem fôlego, vibraram inutilmente.

Debalde alguns oficiais indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam doidamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem aquêles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caíam mal feridos não se comoviam. O Capitão Vilarim batera-se valentemente quase só; ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse.

As notas das cornetas vibravam em cima dêsse tumulto, imperceptíveis, inúteis.

Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar.

Logo adiante, na ocasião em que transpunha a galope o córrego do Angico, o Coronel Tamarindo foi precipitado do cavalo por uma bala.

O engenheiro militar Alfredo do Nascimento alcançou-o ainda com vida. Caído sobre a ribanceira, o velho comadante murmurou ao companheiro que o procurava sua última ordem.

O Coronel Souza Menezes Comandante da praça (Monte Santo), não esperou os fugitivos. Ao saber do desastre largou à espora feita para Queimadas até onde se prolongou aquela disparada".

A segunda expedição fôra dispersada, deixando, assim, ao ar livre um arsenal desarrumado e abundante. No meio do material recolhido pelos jagunços estavam os quatro Krupp, santificados pelo sangue dos heróis que os defenderam até o último alento, digno pedestal para a imortalidade de um Chefe: — O Capitão José Agostinho Salomão da Rocha.

UMA INTERPRETAÇÃO DO FATO

Aqui ainda foram os mesmos tipos de combatentes, que se defrontaram. Em ambos são facilmente identificáveis o desapêgo à vida, a bravura natural, a coragem desmedida.

Mas, agora, foi o conscrito adextrado, bem armado, excepcionalmente comandado, que se deixou empolgar pelo pânico, sob um ataque desorientado e ineficiente do voluntário.

O que se teria passado? Experimentemos reconstituir as emoções que o saltaram.

Observe-se, de início, que no conscrito a coragem nasce do sentimento do dever é sustentada pela organização, porque se nutre com o seu poder e se fortalece com sua disciplina. No caso era reflexo do valor do Chefe admirado como um valente e temido como um juiz inflexível; da solidariedade dos companheiros; da superioridade do armamento cujo poder rugia na boca daqueles canhões; da coesão, da unidade, da potência do todo. Era uma coragem organizada, dirigida, comandada.

Antes do combate era firme, impulsiva, quase orgulhosa; era a bravura do forte contra o fraco, o desorganizado, o quase indefeso.

Dispersada a organização no entrevero dos choques dos pequenos grupos, ou na ferocidade da luta individual, tornou-se colérica, vingativa, quase desesperada; era a bravura do forte, que se surpreendeu com a resistência do fraco, com a coesão do desunido, com a agressividade do inerte.

Depois do combate o que se refletiu nas fisionomias cansadas, nos músculos relaxados, que tropeçavam nas pedras do caminho foi a coragem, desalentada, amolecida, francamente apreensiva; era a bravura do forte, que não compreendeu nem explicou como foi dominado pelo fraco.

Ainda não era a desagregação mas já era o desencanto, a perplexidade, o retraimento.

Subsistia ainda o imenso poder aglutinador da Organização e aquele aconchego confiante aos tubos de aço dos canhões, que representavam seu maior poder, tinha essa significação. Mas, a notícia de que o Chefe invencível fôra também atingido pelo desastre incompreendido foi um golpe mortal, no que lhe restava de agressividade. E aquele lento arrastar dos canhões para longe do inimigo era um sinal inquietante. A apreensão já era alarma. Os limites da Organização estavam por um fio.

Um chefe decidido e enérgico talvez a tivesse salvo, uma noite de repouso a refaria. Mas, o novo comandante, surpreendido pela substituição inesperada, hesitou e vacilou. Quando era preciso agigantar-se, amesquinhou-se. E amesquinhando-se, omitiu-se na irresponsabilidade de uma decisão coletiva, apagou-se no anonimato de uma votação me-

lancólica. Nem o protesto que matou o Chefe moribundo teve o condão de comover-lhe a alma conturbada, de revigorar-lhe as energias desalentadas.

Os soldados não ouviram as palavras sussurradas pelos seus oficiais, mas viram suas fisionomias transtornadas, seus olhos amortecidos, suas narinas dilatadas, tremendo na claridade das chamas que subiam hesitantes e tímidas da fogueira, que lhes iluminava a reunião. Não souberam logo do que se decidira, mas sentiram que era a retirada. Não examinaram suas razões, convenceram-se de que era o fim. Saltara a mola mestra da Organização, a força que a animava, a vontade que a impelia, a inteligência que a comovia, a confiança que a mantinha. A hierarquia se tinha nivelado na unanimidade de uma decisão anônima, a disciplina se dissolvera na melancolia da irresponsabilidade coletiva. O horror ao amoral, ao infamante, ao vergonhoso, já não tinha ponto de referência; o temor ao castigo anulava-se na absolvição prévia. E o horror natural, o velho medo primitivo, infiltrou-se naquelas almas que tinham perdido o norte de seu destino. Agora já não era apenas a apreensão que as empolgava, era a angústia que as avassalava.

Agravava-a o cantochão dos jagunços, que subia da terra como um "De profundis". A superstição que jazia no fundo daqueles espíritos sugeriu a explicação do desastre até então incompreensível e lhe deu o sentimento do sobrenatural, a profundidade do abismo.

Os jagunços já não eram homens comuns indefesos.

Eram seres privilegiados que gozavam da proteção divina, invulneráveis aos golpes que recebiam. Era inútil lutar. Pensou-se em sobreviver.

Naqueles soldados disciplinados, confiantes, adestrados, organizados, que pela manhã, entre gritos de entusiasmo se lançaram decididos e resolutos ao combate, subsistia apenas o instinto de conservação, embotando, verrumando, aniquilando, todas as emoções, pungindo como um ferro em brasa, numa ferida recente. A notícia de que o comandante morrera souo o dobre de finados antecipado a cada um.

Noite ainda começaram os preparativos da retirada. E na azáfama, na pressa com que foram feitos, já havia um começo de fuga. Desfechou-a o ataque inesperado dos jagunços, coroou-a a vaia estrondosa dos fanáticos, ampliou-a o contágio do medo. E sobreveio o pânico, que foi quase terror.

Mas, uma Unidade resistiu à elaboração e ao contágio do pânico; a Bateria de Artilharia. Como explicar isso?

Anotemos em primeiro lugar que os artilheiros não estiveram face a face com os jagunços, não sofreram seus ardis e suas malícias, não experimentaram na carne e nos nervos o furor de seus golpes, o vigor de sua defesa desesperada. Encastelados no alto do morro da Favela, dispararam de lá os seus shrapnells, dispersando agrupamentos inimigos, incendiando suas palhoças, ceifando suas fileiras. Não se cansaram em correrias, não se exauriram na tensa preocupação de evitar os perigos aproximados, não se esgotaram vibrando golpes no vácuo.

Bem ao contrário, tiveram no alcance e no poder de fogo da arma, que matava a grande distância, a prova física de sua superioridade e no medo, que tonteava os jagunços, quando alcançados pelos seus tiros, a sua confirmação moral.

Na reunião dos derrotados em torno dos canhões, silenciosos, mas ameaçadores, sentiram, que representavam o reduto do poder militar da expedição. Era como se, na alma de aço daqueles tubos, se tivesse refugiado a própria honra do Exército; era como se eles o representassem naquela dolorosa e decepcionante circunstância. E o orgulho dessa

descoberta sublimou-se no espírito de equipe, na aceitação do sacrifício, no desejo de emulação. Era preciso ser forte onde todos pareciam fracos.

Esses sentimentos encontraram um chefe, que os compreendeu e um caráter que os personificou: o Capitão Salomão da Rocha. Reclamou para si o lugar mais perigoso na coluna: a retaguarda, recebendo-o como um lugar de honra. E o honrou, verdadeiramente, sacrificando-se na defesa dos canhões que o Exército lhe tinha confiado. Eles ficaram na mão do inimigo, mas dignificados pela guarda de honra dos cadáveres dos bravos que o defenderam até o último alento. A vergonha da fuga, lavou-se na glória da epopéia.

A bravura e energia do comandante na hora do perigo redimiou-o também do seu desalento anterior. O sentimento do dever, o senso da responsabilidade, lhe voltaram fortalecidos e engrandecidos pela desgraça. Mas, para aqueles soldados que fugiram, ele não era o Chefe: era apenas um Homem. E o sacrifício dignificante do homem, não foi capaz de ressuscitar a autoridade do Chefe. Salvou-se, no entanto, com ele a seriedade da Instituição que ele representava.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Evidentemente da análise desses dois fatos, muito pouco poderemos induzir sobre a psicologia do combatente brasileiro.

Mas se aliarmos essas observações a outras tão visíveis no curso de nossa formação histórica, poderemos assinalar algumas de suas tendências.

A primeira delas é a rapidez com que passa dos estados de exaltação aos de depressão, com funda repercussão na sua agressividade. Comovendo-se facilmente, em particular quando estão em jogo sentimentos nobres e elevados, deixa-se dominar pelo entusiasmo e o otimismo; surgidos porém os primeiros obstáculos, aparecidas as primeiras dificuldades, desanima e se deprime, abandonando as tarefas iniciadas interrompendo os esforços que vinha produzindo. Precisa, então, de assistência e apoio adequados, e os espera. Daí estar sempre com os olhos voltados para os chefes, buscando nas suas atitudes e nos seus conselhos indícios que neguem ou confirmem os temores que o assaltam.

É também notável sua capacidade de adaptação e de improvisação. Mesmo os que estão habituados ao conforto e facilidades da vida cidadã não fogem à regra senão para confirmá-la pela exceção.

Dócil e tímido é naturalmente respeitoso e resignado. Aceita de bom grado as privações e os sofrimentos mesmo que não os compreenda e justifique plenamente. Neste último caso resmunga, trepa, despista, ilude, mas acochado, obedece sem maiores dificuldades.

Ama a exceção e não somente a aceita sem escrúpulo como o procura por meios nem sempre recomendáveis.

Embora possua uma pronunciada tendência para ridicularizar e menosprezar os feitos próprios e os dos companheiros, é exibicionista e muito suscetível à censura e à crítica, atribuindo na maioria das vezes, a outrem, ou a circunstâncias exteriores, a culpa dos erros e faltas cometidos.

Mas dêle, também, se pode dizer que, como o povo de que é parte, é sobretudo, um complexo de aparências enganadoras e realidades profundas.

Dêsse-lhes chefes dignos dêsse nome e é capaz de operar prodígios, como em Coimbra, em Itororó, no cerco da Lapa. Convença-se da necessidade de enfrentar o Itororó, ou mesmo, circunstâncias adversas e será capaz de uma nova Laguna.

Empolgue-o uma convicção ou mesmo uma paixão, boa ou má e realizará façanhas que ganharão tons de epopéia. Convega-se o combatente de que é preciso fazer a guerra e não, apenas, suportá-la resignadamente e ele poderá emparelhar-se com os mais abnegados e agressivos do mundo. Que o digam estes oito milhões de quilômetros de terra, arrancados ao continente desconhecido e, por ele, mantidos unidos e indivisos, contra a cobiça de ingleses, franceses, holandeses e espanhóis, pela força de corações, que os souberam amar e defender, batendo uníssonos ao compasso da mesma causa.

BIBLIOGRAFIA

- Les guerres — Gaston Boutheil
- Psychiatrie en la Guerre — Professor Myra y Lopez
- Psicologia dos Novos Tempos — G. Le Bon
- As Opiniões e as Crenças — Gustavo Le Bon
- Espiritu Técnica y Formacion Militar — Francisco Sintès
- Bandeirantes e Pioneiros — Vianna Moog
- Os Sertões — Euclides da Cunha
- Tu Alma y la Ajena — Richard Muller Freienflies
- Ensaio sobre a Psicologia da Infantaria — Ten-Cel Bouchacourt
- Infantaria — Cel de Mand'huy
- Etudes sur le combat — Cel Ardant du Picq

*
* *

"Os exemplos históricos esclarecem tudo e constituem prova convincente, nas ciências experimentais. Isto é aplicável, melhor do que em qualquer outro assunto, à Arte da Guerra."

CLAUSEWITZ

"Quanto mais retrocedemos na história da conduta da guerra, tanto menos úteis serão para nós os pormenores, porque as formas de ataque e os métodos das batalhas mudam sempre com a evolução da técnica."

CLAUSEWITZ